

ÁREA TEMÁTICA: Educação e Aprendizagens Sociais

Violência e agressividade juvenil – podemos falar de escolas violentas?

Sebastião, João
Doutor, Sociologia
ESE Santarém/CIES/Observatório de Segurança Escolar
João.sebastiao@ese.ipsantarem.pt

Alves, Mariana Gaio
Doutora, Ciências da Educação
Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNL – UIED
mga@fct.unl.pt

Campos, Joana
Mestre, Educação Intercultural
ESE Santarém/CIES/Observatório de Segurança Escolar
j.campos@netvisao.pt

Caeiro, Tiago
Licenciado, Sociologia
Observatório de Segurança Escolar
t.caeiro@gmail.com

Resumo

As questões de violência escolar têm sido objecto de crescente visibilidade social e mediática, correspondendo a uma área de investigação onde escasseiam os estudos e reflexões de cariz sociológico. Face a este panorama apresentam-se, na presente comunicação, alguns resultados do trabalho que vem sendo desenvolvido pelos autores no âmbito do Observatório de Segurança Escolar. A análise do registo da totalidade das ocorrências comunicadas ao Ministério da Educação pelas escolas TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária) no ano lectivo 2006-07 constitui a base empírica para uma reflexão em torno da complexidade e multidimensionalidade que o fenómeno em estudo encerra. Tendo em conta estas características do fenómeno optou-se, no plano metodológico, por combinar uma análise quantitativa das ocorrências com uma análise qualitativa das descrições das situações.

Palavras-chave: Escola, Socialização, Violência, Indisciplina, Incivilidade





Nota Introdutória

As questões de violência escolar têm sido objecto de crescente visibilidade social e mediática, correspondendo a uma área de investigação onde escasseiam os estudos e reflexões de cariz sociológico. Face a este panorama apresentam-se, na presente comunicação, alguns resultados do trabalho que vem sendo desenvolvido pelos autores no âmbito do Observatório de Segurança Escolar (OSE). A análise do registo da totalidade das ocorrências comunicadas ao Ministério da Educação pelas escolas TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária) no ano lectivo 2006-07 constitui a base empírica para uma reflexão em torno da complexidade e multidimensionalidade que o fenómeno em estudo encerra. Tendo em conta estas características do fenómeno optou-se, no plano metodológico, por combinar uma análise quantitativa das ocorrências com uma análise qualitativa das descrições das situações.

Assim sendo, na primeira parte desta comunicação explicitam-se alguns eixos referentes à problemática da violência escolar, tendo por base de forma articulada contributos teóricos e empíricos. Na segunda parte da comunicação, damos conta dos aspectos metodológicos referentes aos dados empíricos que apresentamos na terceira parte e que vêm sendo analisados no OSE. Na conclusão da comunicação procuramos responder ao desafio – podemos falar de escolas violentas? - através da reflexão sobre o conjunto da informação analisada.

1 – A problemática da violência escolar

1.1 - Indisciplina, incivilidade e violência escolar

A visibilidade social e mediática crescente das questões da violência escolar encerra frequentemente diversas confusões e imprecisões no que se refere à delimitação dos conceitos e noções utilizados. Assim sendo, na análise sociológica sobre estas matérias que articula contributos teóricos e empíricosⁱ é necessário estabelecer linhas de diferenciação entre os diferentes conceitos e noções utilizados neste campo, considerando as diversas dimensões do fenómeno e a relevância de cada conceito para a sua explicação.

Se existe alguma proximidade semântica entre conceitos como os de violência, incivilidade e indisciplina, tal proximidade não significa nem implica necessariamente que descrevam os mesmos fenómenos nem que isso nos permita interpretá-los da mesma forma. A mediatização de situações violentas pontuais definidas como situações recorrentes no sistema de ensino tem levado a que se difundam visões pouco exactas sobre a situação das escolas. Em particular procura-se identificar sistematicamente todo o acto de não conformidade com o sistema de regras das escolas como constituindo actos violentos, misturando assim indisciplina, incivilidade e violência.

Se a indisciplina representa no essencial o incumprimento de parte (ou totalidade) do sistema de regras escolares, já a violência remete para o que noutra momento procurámos definir como “o excesso que, numa relação social, condensa uma visão do mundo como um espaço social, de relações conflituais que tendem para uma qualquer forma de ruptura com a normalidade social considerada legítima. É uma relação que, pretendendo ser irreversível, visa a constituição de um estado de dominação, é uma relação em que a acção é imperativa.” (Sebastião e outros, 1999).



1.2 - A falsa uniformidade dos fenómenos de violência escolar

Uma outra dimensão do debate sobre a violência na escola diz respeito à prevalência da ideia de uma suposta uniformidade dos fenómenos violentos. O aparecimento de fenómenos violentos constitui o resultado do cruzamento de factores diversos, sejam eles individuais, sociais ou culturais, constituindo a violência concreta, tal como pode ser identificada nas escolas, a consequência de combinações de sentido variável desses mesmos factores. A forma como nos discursos correntes são agrupados fenómenos e condutas extremamente diversas coloca problemas analíticos, pois supõe uma homogeneidade em que existe uma variação de grau e não de natureza, que não tem correspondência na diversidade de situações e representações dos actores sobre os fenómenos designados sob o nome da violência na escola.

Estas concepções pressupõem que existe uma continuidade e uma gradação linear de incidentes como pequenas transgressões para actos de violência mais graves, embora não seja claro que as situações de indisciplina se traduzam necessariamente por uma linha de progressão para ocorrências de violência declarada. Uma parte desta identificação resultará do facto de as situações de comportamento disruptivo persistente (indisciplina ou diversas formas de incivilidade) se revelarem desgastantes para os professores e alunos contribuindo para uma degradação progressiva do clima escolar e das condições de aprendizagem.

Outra das dificuldades identificadas na análise do fenómeno prende-se com a distância entre as representações de cada escola sobre a violência e a realidade das ocorrências registadas em cada estabelecimento. A análise dos registos das ocorrências comunicadas ao Ministério da Educação reflecte este problema, pois algumas escolas comunicam situações em que os alunos desobedecem a uma ordem de um professor e um funcionário (o aluno falou alto na sala de aula, o aluno levantou-se sem autorização, ou respondeu “torto”), enquanto outras escolas referem que é relativamente comum alunos dirigirem-se a professores, funcionários e entre si desta forma (tendo sido naturalizado, e por isso deixado de ser considerado?)

Noutros contextos, a violência reportada está mais associada a questões de civildade, onde não existe violência que implique contacto físico, em que os registos se centram ao nível de agressões verbais sobretudo entre pares mas também com adultos. No caso das incivildades, coloca-se de forma pertinente a questão da linguagem, pois são conhecidas as diferenças de registos linguísticos entre algumas camadas das classes populares e os contextos escolares. A partir de que patamar pode ser considerado o uso de uma determinada linguagem (que expressões ou palavras? Em que tom? E em que circunstâncias?) como injurioso ou violento?

Inquéritos realizados em França revelam dificuldades de semelhantes. Os insultos e mesmo determinado tipo de contacto físico entre alunos são considerados como violência por cerca de 60% dos professores, enquanto apenas 9% dos alunos o consideram com tal (Rochex, 2003). O insulto, e as pequenas agressões em contextos de grupo não são necessariamente considerados como violência para os alunos. Por outro lado, algumas afirmações de professores, que assumem a forma de veredictos ou certas rotulagens como, “nunca vais conseguir”, “não te vais safar no exame”, são vividos e sentidos pelos alunos como actos extremamente violentos, sem que os professores tenham consciência disso.

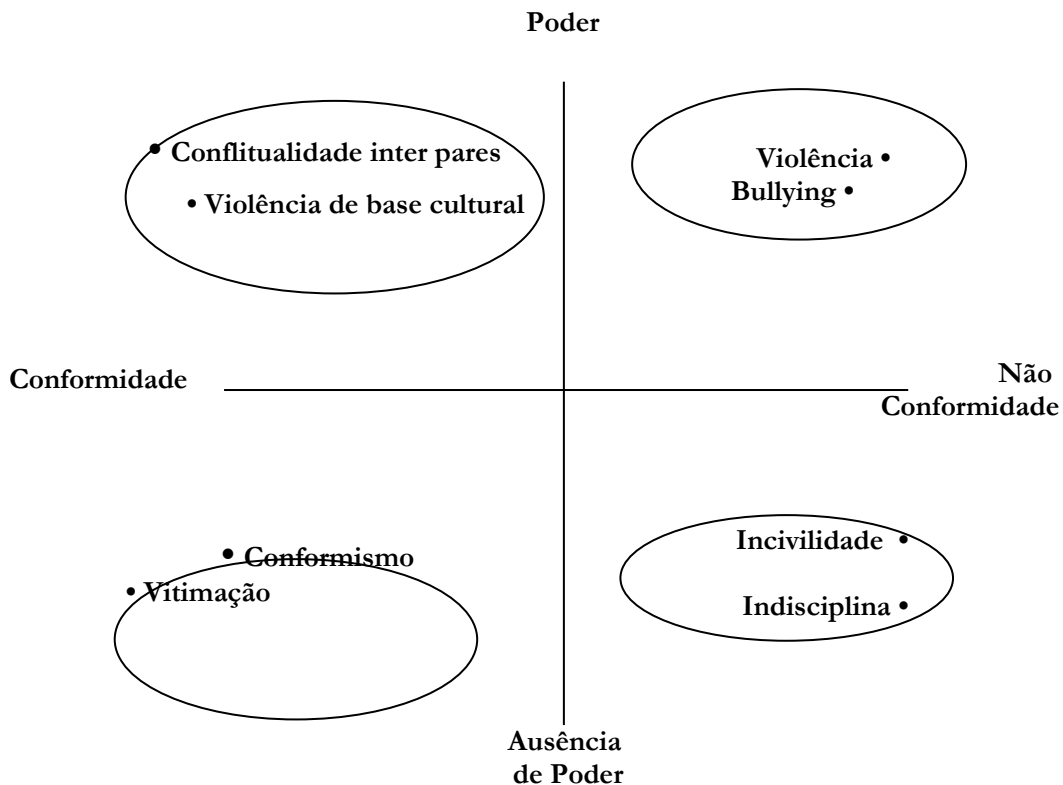
Em algumas situações verifica-se uma certa naturalização da violência, as ocorrências muito graves são precedidas por pequenas transgressões e comportamentos disruptivos em que não houve intervenção, como pequenas violências quotidianas, tendo as escolas apenas tomado atenção aquando da súbita irrupção de situações mais graves. As escolas não têm uma concepção razoavelmente delimitada sobre que tipo de ocorrências consideram pertinente reportar, existindo escolas que comunicam todo o tipo de incidentes associados a questões de indisciplina, enquanto outras escolas reportam muito poucos incidentes, mas todos eles de situações de violência muito gravesⁱⁱ.



Os registos das ocorrências comunicadas ao Ministério da Educação apresentam também outra tendência: uma parte significativa dos registos é relativo a situações que envolvem adultos (funcionários, professores, guardas, etc.) que estiverem de alguma forma envolvidos nas situações ou presenciaram a ocorrência. Algumas escolas concentram os seus relatos nos incidentes entre adultos e alunos, em tempos lectivos ou que envolvam a danificação do espaço físico. Desta forma ficam por registar as situações que ocorrem diariamente envolvendo os protagonistas (agressores e as vítimas) mais comuns: os alunos. Muitas escolas não reportam incidentes envolvendo situações nos recreios, quando os dados globais dos relatóriosⁱⁱⁱ e alguns estudos realizados^{iv} referem que a maior parte dos incidentes ocorrem entre alunos fora do contexto de sala de aula.

1.3 - A necessidade de um modelo teórico

A diversidade de situações atrás referida coloca a necessidade de delinear um modelo teórico capaz de contribuir para a procura de formas de inteligibilidade que permitam compreender a “diversidade, a contingência e a desordem” (Boudon, 1990) característica da realidade social. Para o concretizar esboçamos um modelo em que consideramos que os fenómenos de violência na escola se estruturam de acordo com duas dimensões, uma primeira associada ao Poder, enquanto exercício de dominação unilateral e desigual que se expressa no interior dos processos de interação; uma segunda, associada a situações de Não-Conformidade com o sistema de regras sociais interior e/ou exterior à escola.





A utilidade deste modelo resulta de considerar conjuntamente o quadro de constrangimentos resultante do sistema de regras característico da instituição escolar assim como a capacidade de agência dos diversos actores sociais presentes no contexto educativo. Um agressor será tipicamente um indivíduo que utiliza formas de poder (que são suportadas por agressividade física, verbal ou psicológica) com o objectivo de, simultaneamente, anular a capacidade reguladora do sistema de regras e de desencadear, ao nível relacional, um processo de dominação de um ou mais indivíduos; enquanto que uma vítima será tipicamente um indivíduo que não possui capacidade para resistir aos processos de dominação nem para activar para sua protecção o sistema de regras sociais da escola.

Desta forma podemos diferenciar fenómenos aparentemente próximos como a indisciplina da violência, já que na primeira podemos identificar uma elevada não conformidade mas em que o uso do poder é limitado (por exemplo na relação do aluno indisciplinado perante o professor) enquanto que as situações de violência expressam não apenas um quadro de não conformidade com o sistema de regras mas implicam a modificação das hierarquias internas da escola (o aluno agressor possui mais poder que o professor).

2 – Metodologia geral do estudo

2.1 – As escolas TEIP

Nesta comunicação, optámos por analisar informação empírica recolhida nas escolas TEIP referente ao ano lectivo 2006/07, pois estas escolas ao formularem a sua candidatura apresentaram um projecto educativo com o preenchimento de informação com a identificação das situações problema da sua comunidade, com uma proposta de intervenção para o território, as metodologias a adoptar e os impactes escolares esperados. Ora, um dos indicadores presente neste diagnóstico estava associado à violência em meio escolar, com uma definição rigorosa das situações mais problemáticas registadas em cada agrupamento ou escola. Nesse projecto os agrupamentos apresentaram um plano de acção a implementar, com medidas específicas de intervenção e os recursos que pretendem mobilizar para o efeito.

As escolas TEIP constituem um grupo muito heterogéneo entre si. Muitas vezes dentro de um mesmo agrupamento encontramos diferenças muito assinaláveis entre as escolas, com fortes variações em relação à indisciplina e violência, níveis de assiduidade, abandono e sucesso escolar.

A análise sumária dos projectos de candidatura à medida TEIP expressa uma grande diversidade de situações e representações face ao fenómeno da indisciplina e da violência no meio escolar. É sintomático que muitas das candidaturas à medida TEIP não fazem qualquer referência a estas temáticas, o que pode querer dizer que o fenómeno em si não tem expressão na escola ou por outro lado, este é ignorado enquanto um problema merecedor de uma abordagem estratégica da escola.

Para uma melhor compreensão das escolas TEIP importa explicitar que estas se inserem num conjunto mais vasto de medidas de discriminação positiva tomadas em Portugal a partir de meados dos anos 90 que tomavam por objecto não só uma escola, mas uma unidade geográfica-administrativa, comportando diversos estabelecimentos educativos que se desejava articular entre si, traçando um projecto educativo comum para um aluno desde o jardim de infância até ao 9º ano de escolaridade.

O actual Projecto TEIP II foi retomado no ano lectivo 2006/07 tendo as escolas que elaborar um projecto educativo que definisse “um conjunto diversificado de medidas e acções de intervenção na escola e na comunidade, prioritariamente orientadas para a reinserção escolar do aluno” e que contemplasse os “interesses específicos da comunidade e contempladas as intervenções de vários parceiros,



designadamente professores, alunos, pessoal não docente, associações de pais, elementos da Escola Segura, autarquias locais, instituições de solidariedade^v, entre outras instituições.

2.2 – Estratégia empírica

Nesta comunicação, apresenta-se informação empírica recolhida na totalidade de escolas dos agrupamentos TEIP do ano lectivo 2006/07, que perfazem um total de 35 agrupamentos, distribuídos entre a DRELVT e DREN.

Procedeu-se a uma análise da informação proveniente das Fichas de Comunicação do Gabinete de Segurança do Ministério da Educação preenchidas pelas respectivas escolas e enviadas para esta unidade. Para o registo das ocorrências as escolas preenchem um conjunto diversificado de campos de informação, referentes ao local e hora do incidente, tipo de ocorrência, seja ela contra pessoas e bens ou equipamentos escolares, seja ainda relativa a outro tipo de acção como consumo e tráfico de substâncias ilícitas ou posse de arma, entre outros. Na ficha a informação organiza-se ainda segundo o tipo e características de vítimas e agressores. As fichas contêm também uma descrição sumária da ocorrência. A análise da descrição da situação permitiu uma aproximação à natureza das ocorrências, com uma melhor compreensão da intensidade, intencionalidade e gravidade das ocorrências registadas, por exemplo, permitiu distinguir situações de gravidade menor, como uma briga sem consequências entre alunos, de outras situações em que estes conflitos se traduzem em agressões físicas e psicológicas graves.

Complementarmente, e para enquadramento das escolas TEIP, recorreu-se à informação de carácter quantitativo proveniente da base de dados construída a partir da informação registada no Formulário Electrónico do Ministério da Educação sobre a segurança nas escolas, para o mesmo ano lectivo. Foi ainda considerada alguma informação de contexto retirada dos Projectos de candidatura à medida TEIP permitindo obter dados para contextualizar os relatos das ocorrências.

Na análise da informação recolhida teve-se em conta que o alcance e fiabilidade dos instrumentos em uso têm algumas limitações resultantes das categorias utilizadas no mesmo formulário. Estas decorrem da interpretação dos Conselhos Executivos assim como dos restantes intervenientes, sejam eles delegados de segurança, professores, outros funcionários e alunos, assim como da sua interpretação pelos diversos intervenientes nas escolas. Uma das grandes dificuldades de recolha de informação neste domínio prende-se com a distância entre as representações dos intervenientes em cada escola sobre a violência e a realidade das ocorrências registadas em cada estabelecimento, como se deu conta anteriormente, constituindo a distância entre as representações sobre a violência dos intervenientes e a realidade das ocorrências registadas em cada estabelecimento uma dificuldade real.

De facto, na base nos registos de ocorrências nem sempre é possível perceber se estes incidentes graves constituem uma excepção num ambiente escolar globalmente pacífico, ou se, por outro lado, estas são as situações mais graves, num ambiente escolar marcado por um número elevado de agressões com menor gravidade ou outras formas de microviolência

3- Análise das ocorrências

Foram analisadas, em primeiro lugar, os números de ocorrências registadas por escola, e, em seguida, a sua natureza, tipificando-os segundo a sua gravidade, considerada centralmente a partir do risco que o incidente encerra para os intervenientes. Foram assim consideradas como situações mais graves as agressões físicas, de alunos para adultos e de alunos entre si, que coloquem em causa a integridade física



e psicológica dos mesmos. As situações de agressão física quer pelo impacto nas vítimas envolvidas no incidente, quer pelo impacto sobre a restante comunidade escolar, foram consideradas como os incidentes escolares mais graves, havendo situações que resultaram em tratamento hospitalar.

A análise mais detalhada das ocorrências refere-se a um conjunto restrito de escolas, uma vez que existem várias escolas com poucas ou nenhuma ocorrência registada dentro dos agrupamentos TEIP. É também interessante referir que nos casos das escolas com mais ocorrências, coexistem outras escolas no mesmo agrupamento sem qualquer registo. Das situações de violência nos 35 agrupamentos de escolas consideraram-se as agressões entre pares, agressões a adultos, agressões em contexto de sala de aula, injúrias e ofensas a adultos e as ameaças a adultos. Partindo da análise das descrições das ocorrências procurou-se organizar a informação segundo a intensidade e intencionalidade associadas aos actos, permitindo traçar mais aproximadamente um quadro do clima e as tensões que nos diversos contextos escolares se podem viver. A análise organizada desta forma, permitiu identificar a um conjunto de escolas caracterizada por uma acumulação de ocorrências preocupantes quer pela sua intensidade, que pela frequência.

3.1- Agressões entre alunos: os mais agredidos, e os mais agressores

Relativamente às agressões em contexto escolar, a análise dos números registados permite afirmar que é um fenómeno que ocorre sobretudo entre alunos. As quatro primeiras escolas registam um número de agressões igual ou superior a 28 ocorrências.

Quadro nº 1 - Agressões entre alunos nas escolas TEIP, 2006/07

Escola	Nº de ocorrências
Escola 1 EB2,3 Loures	55
Escola 2 EB1 Amadora	40
Escola 3 EB1 Amadora	34
Escola 4 EB 2,3 Sintra	32
Escola 5 EB1 Loures	28
Escola 6 EB2,3 Porto	15
Escola 7 EB2,3 Porto	15
Escola 8 EB1 Setúbal	15
Escola 9 EB1 Oeiras	10
Escola 10 EB 1,2,3 Oeiras	8
Escola 11 ES Amadora	7
Escola 12 EB2,3, Porto	3

FONTE: Ficha de Comunicação do Gabinete de Segurança do ME, 2006/07



As agressões entre alunos possuem algumas especificidades próprias, sendo por vezes difícil distinguir o sentido e intensidade das agressões e o seu contexto. Das agressões registadas é importante distinguir os casos de alguns estabelecimentos.

A Escola 1 EB2,3 Loures constitui um caso especial face a todos os outros estabelecimentos de ensino, em que a polícia frequentemente é chamada para resolver questões no pátio, refeitório e mesmo em salas de aula. Os relatos referem um conjunto de incivildades que evidenciam falta de reconhecimento pelo papel do professor: gritos, ameaças e injúrias são comuns em algumas turmas durante os períodos lectivos de aula. Sendo uma EB 2,3 quase todos os incidentes mais graves ocorrem com alunos mais velhos do 2º ciclo, já com várias retenções. As agressões mais violentas ocorrem sobretudo entre alunos, existindo situações em que se dão confrontos com adultos (funcionários, guardas e animadores).

As muitas denúncias de ofensas e injúrias são dirigidas sobretudo aos seguranças, que são sentidos pelos alunos como elementos externos e repressivos (associados à polícia). As situações mais graves envolvem os alunos entre si.

Na Escola 2 EB1 Amadora uma parte substancial das agressões entre alunos decorreram em contexto de sala de aula, na presença dos professores, algumas das quais, com bastante violência. Verifica-se o mesmo na Escola 5 EB1 Loures, com um clima de escola marcado por vários incidentes, verificando-se muitas ocorrências de ofensas verbais a professores em sala de aula, funcionários e mesmo a elementos do Conselho Executivo.

A Escola 1 EB2,3 Loures e a Escola 2 EB1 Amadora acumulam simultaneamente o maior número de registos de agressões entre adultos e entre alunos. No entanto, existem escolas que têm um número elevado de ocorrências mas não são escolas que apresentem índices elevados de violência. Apesar da Escola 4 EB2,3 Sintra apresentar um número elevado de ocorrências, a maior parte delas é de reduzida gravidade, ocorrendo fora dos tempos lectivos. A maioria das agressões registadas é entre alunos e estão associadas a pequenos incidentes, provocados em jogos de futebol ou brigas entre alunos sem gravidade. Não se verifica nenhuma agressão ou comportamento injurioso em relação a qualquer funcionário da escola no último ano lectivo. O mesmo se passa com a Escola 6 EB2,3 Porto, em que se verifica que metade das ocorrências registadas são relativas a situações em que os alunos se encontravam a fumar dentro do recinto escola. Todas as agressões ocorreram entre alunos, sem grandes consequências ou que resultassem em ferimentos para os envolvidos.

Na Escola 18 EB1 Lisboa e na Escola 10 EB1,2,3 Oeiras o número de ocorrências registado é reduzido mas resultando em incidências bastante graves. Os conflitos entre alunos resultam em brigas, implicando níveis de violência física acentuados, dando conta de um clima de intimidação e tensão no recinto escolar. No entanto o número de registos poderia ser mais elevado, uma vez que são minorizadas situações de violência e agressividade dos alunos entre si e para quase só se registar os incidentes mais graves e/ou que envolvem os adultos

Na Escola 25 EB2,3 Matosinhos do total das 15 ocorrências verificam-se 5 implicando níveis consideráveis de violência, em que as agressões causam ferimentos graves nos envolvidos. Contudo a escola demonstra ter dispositivos de controlo das consequências das ocorrências. Também aqui as situações mais graves envolvem disputas entre alunos.

As agressões em contexto de sala de aula que implicam níveis maiores de violência física, resultando em ferimentos, tratamento hospitalar, ocorrem em maior número nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico. Embora existam ocorrências graves nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e mesmo no Ensino Secundário, as escolas onde quer ao nível de frequência, quer ao nível de intensidade dos actos, se verificam as situações mais violentas são as do 1º Ciclo do Ensino Básico.



3.2 - Agressões a adultos: a fraca autoridade da hierarquia escolar

As agressões a adultos foi outro dos tipos de ocorrência considerado significativo, seja no clima de escola e nas vítimas (a nível físico e psicológico), seja ainda pelo que significa simbolicamente. São situações com uma maior visibilidade na comunidade escolar, constituindo uma das formas mais graves da contestação das regras e hierarquia interna da escola, assumindo uma dimensão de agressão estatutária.

Os adultos na escola constituem simultaneamente a figura de responsabilidade pedagógica e autoridade na implementação das regras estando encarregados de zelar pela segurança e protecção dos alunos. Ao serem expostos a uma situação de agressão, perpetuada por um aluno ou por um adulto (num contexto de sala de aula ou dentro das instalações da escola) os demais elementos da comunidade escolar sentem de uma forma mais marcada que as regras da escola são passíveis de ser transgredidas e que está posta em causa a sua segurança. As agressões a adultos (onde se incluem os insultos e ofensas pessoais) num contexto escolar, pela gravidade dos actos em si mesmo e pelo efeito de destabilização, constituem infracções geradoras de sentimentos de insegurança e perturbação do ambiente escolar.

No Quadro nº 2 apresentam-se as escolas TEIP com maior número de ocorrências referentes a agressões físicas perpetradas contra adultos. As cinco escolas com mais agressões apresentam valores muito distintos entre si, tendo a quinta escola menos de metade das agressões da primeira. De notar também o número reduzido de agressões a professores nas escolas da segunda metade da lista, permanecendo as ocorrências sobre os funcionários, em conformidade com os dados nacionais sobre a vitimação de adultos^{vi}.

Quadro nº 2 - Agressões físicas de alunos a adultos nas escolas TEIP, 2006/07

Escola	Professor	Funcionários	Encarregado Educação	Total
Escola 1 EB2,3 Loures	7	9	0	16
Escola 2 EB1 Amadora	5	6	2	13
Escola 3 EB1 Amadora	4	9	0	13
Escola 7 EB2,3 Porto	3	6	0	9
Escola 5 EB1 Loures	5	2	0	7
Escola 8 EB1- Setúbal	2	3	0	5
Escola 10 EB1,2,3 Oeiras	0	3	0	3
Escola 21 EB 2,3 Porto	0	2	0	2
Escola 18 EB1 Lisboa	2	0	0	2
Escola 13 ES Porto	0	2	0	2
Escola 22 EB1 Lisboa	0	1	0	1

Fonte: Ficha de Comunicação do Gabinete de Segurança do ME, 2006/07



Do ponto de vista quantitativo, a Escola 1 EB2,3 Loures destaca-se com um número muito elevado de agressões perpetradas por alunos, com maior incidência nos funcionários, seja guardas, animadores e auxiliares de acção educativa.

A Escola 2 EB1 Amadora apresenta um número considerável de agressões a adultos, com um total de 13 agressões, 5 das quais efectuadas por alunos em contexto de sala de aula, indicativo de uma confrontação directa com o professor, com especial incidência nas Actividades de Enriquecimento Curricular. É interessante referir que a maioria das situações de violência no 1º ciclo ocorreram não com os professores titulares da turma, mas com os dinamizadores das AEC. A leitura das descrições sugere um clima muito acentuado de ausência de autoridade reconhecida nos adultos. O mesmo se verifica na Escola 3 EB1 Amadora, onde todas as ocorrências perpetradas a professores ocorreram nas Actividades de Enriquecimento Curricular.

É importante referir que existem três escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico nas 5 escolas com mais agressões a adultos. As escolas do 1º ciclo que registam as ocorrências mais violentas, apresentam um número de alunos com idades muito avançadas e retenções sucessivas. Os incidentes mais graves concentram-se num número restrito de alunos, relativamente aos quais a escola não parece conseguir delinear estratégias eficazes nem de aprendizagem nem de o controlo no campo disciplinar.

Quadro nº 3 - Agressões físicas em contexto de sala de aula nas escolas TEIP, 2006/07

Escola	Agressões a adultos	Agressão entre alunos	Total
Escola 3 EB1 Amadora	6	26	32
Escola 5 EB1 Loures	3	13	16
Escola 1 EB2,3 Loures	7	4	11
Escola 2 EB1 Amadora	2	9	11
Escola 8 EB1- Setúbal	0	4	4

Fonte: Ficha de Comunicação do Gabinete de Segurança do ME, 2006/07

Relativamente às agressões a professores em contexto de sala de aula, verifica-se uma maior incidência de ocorrências em escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico do que nas escolas básicas do 2º e 3º Ciclos.

Nas escolas que registam mais incidentes em contexto de sala de aula, o número registado de vítimas alunos é muito superior ao número de vítimas adultas. No que se refere a injúrias e ameaças é importante assinalar que estas não se dirigem exclusivamente a professores mas também aos Auxiliares de Acção Educativa e sobretudo aos Guardas de Segurança. A escola Escola1 EB2,3 Loures regista um número de 29 ocorrências em que estes são chamados às salas de aula para retirar os alunos que estão a perturbar e se recusam a obedecer aos professores, situação também comum na Escola 7 EB2,3 Porto.



Quadro nº 4 - Formas de incivilidade sobre adultos em contexto de aula nas escolas TEIP, 2006/07

Escola	Tentativa de Agressão	Injúrias	Ameaças
Escola 1 EB 2,3 Loures	6	15	14
Escola 5 EB1 Loures	4	10	8
Escola 3 EB1 Amadora	3	3	0
Escola 2 EB1 Amadora	1	3	1
Escola 13 ES Porto	3	5	5

Fonte: Ficha de Comunicação do Gabinete de Segurança do ME, 2006/07

Na escola que apresenta os casos mais graves de violência, uma escola EB2,3 a maior parte dos incidentes ocorre com alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico, com uma idade já bastante avançada. Podemos colocar a hipótese que estes alunos, com base nas descrições das ocorrências, e face às diferenças de idade, não se reverem nas dinâmicas da actividade escolar, encontrando-se desenquadrados face ao objectivos e métodos escolares e apresentando níveis de motivação para as aprendizagens muito diminutos.

3.2.1 – As agressões a funcionários das escolas: uma violência com pouca visibilidade

Em concordância com os dados do relatório de 2006/2007 do Observatório de Segurança Escolar para o conjunto total das escolas verifica-se que os funcionários, nomeadamente os auxiliares de acção educativa constituem as vítimas adultas mais comuns de violência física.

A análise das ocorrências desta amostra de escolas revelou dois tipos de explicações distintas para esta situação. A primeira prende-se com o facto dos Auxiliares de Acção Educativa (AAE) desenvolverem parte significativa da sua actividade na gestão e supervisão de espaços onde ocorre o maior número de incidentes entre os alunos: os recreios, corredores e as entradas das escolas.

São os espaços onde se concentram um maior número de alunos, onde estes correm e brincam, sem supervisão directa de nenhum professor ou animador. São espaços fisicamente mais amplos que uma sala de aula, com um maior número de alunos concentrados, em vários tipos de interacção (jogos, brincadeiras, a entrar e a sair da escola, etc) que podem provocar alguma agitação. Em espaços mais amplos e por vezes, com estratégias de gestão do espaço escolar atomizadas, os AAE encontram-se mais isolados e vulneráveis.

A forma como estão organizadas os diferentes momentos do quotidiano escolar proporciona situações de conflito e tensão no espaço escolar, nomeadamente na organização de aspectos como: a disposição dos alunos nos refeitórios, as entradas e saídas da escola, a circulação nos corredores ou nas salas de aula, entre outras.

Por outro lado a natureza da relação dos AAE é diferente de uma relação professor-aluno, em que existe um contacto mais distanciado e desagregado com os alunos. A figura de quem é autoridade não é tão evidente como num contexto de sala de aula e os alunos não reconhecem nos AAE o mesmo tipo de legitimidade. Coloca-se também o problema da ausência de formação destes e em alguns casos, a escassez de funcionários em determinadas escolas.

As situações em contexto escolar variam muito, mas várias ocorrências reportam-se a situações em que os alunos se recusam a sair da sala de aula e os professores chamam os funcionários para que estes



intervenham e retirem os alunos. A responsabilidade do controlo disciplinar em sala de aula é de certa forma transferida para os funcionários, que ficam mais expostos a situações de agressões. Ainda assim, muitas destas situações de agressão a funcionários, não resultam de acções directas contra os funcionários, mas de agressões resultantes de situações em que estes procuram separar os alunos em situação de confronto físico directo e são agredidos também.

3.3.4 Outras ocorrências: dano de equipamento escolar e posse de arma

Não se registam de uma forma geral grandes manifestações de violência ou vandalismo relativamente aos equipamentos e aos espaços escolares. Contudo, é de assinalar a Escola 7 EB2,3 Porto que se destaca pelo significativo número de registos neste domínio.

Quadro nº 5 - Quadro de danos no espaço escolar nas escolas TEIP, 2006/07

Escola	Nº de ocorrências
Escola 7 EB2,3 Porto	19
Escola 1 EB2,3 Loures	10
Escola 19 EB2,3 Porto	2
Escola 21 EB2,3 Porto	4
Escola 12 EB2,3,Porto	4
Escola 6 EB2,3 Porto	3
Escola 10 EB 1,2,3 Oeiras	3
Escola 20 EB2,3 Almada	2
Escola 13 ES Porto	4

FONTE: Ficha de Comunicação do Gabinete de Segurança do ME, 2006/07

A ocorrência mais comum está relacionada com a destruição das instalações, mais concretamente a quebra de vidros das janelas e das portas das salas de aula. Não deixa de ser preocupante, uma vez que em alguns momentos a integridade física dos alunos foi posta em causa, como resultado do arremesso de pedras contra as janelas da escola. Contudo em muitos casos verifica-se que algumas das ocorrências foram acidentais.



Quadro nº 6 - Ocorrências por posse de arma nas escolas TEIP, 2006/07

Escola	Nº de ocorrências
Escola 1 EB 2,3 Loures	7
Escola 2 EB1 Amadora	2
Escola 11 ES Amadora	1
Escola 17 EB1 Lisboa	1
Escola 18 EB1 Lisboa	1
Escola 13 ES Porto	1

FONTE: Ficha de Comunicação do Gabinete de Segurança do ME, 2006/07

Relativamente à posse de arma e sobretudo a incidentes envolvendo armas os casos são muito residuais, com excepção da Escola 1 EB 2,3 Loures. Nesta escola verificaram-se alguns incidentes envolvendo agressões com a utilização de armas. As armas mais comuns encontradas nos alunos são armas brancas, não existindo nenhum registo de utilização destas em agressões com outros indivíduos.

Na Escola 1 EB 2,3 Loures registam-se dois incidentes graves envolvendo armas, uma relativa a uma agressão entre alunos com um tubo de aço e outra situação em que um aluno perseguiu um animador com uma navalha. Todas as outras armas brancas encontradas nesta escola encontravam-se na posse dos alunos, contudo não foram utilizadas em qualquer tipo de situação.

Na Escola 12 EB2,3, Porto houve um incidente muito grave de um aluno que entrou numa aula e agrediu outro gravemente com um martelo, resultando no internamento hospitalar deste, constituindo um caso excepcional. Na Escola 17 EB1 Lisboa uma encarregada de educação ameaçou com uma arma branca um professor. Em todas as outras escolas não existem registos de incidentes com armas, quer seja em contexto de sala de aula, quer seja relativos a incidentes com funcionários da escola. Não existe também nenhum registo de detecção de armas de fogo em qualquer estabelecimento de ensino.

3.3.5 Incivilidade e ameaças em contextos escolar: infracção das normas escolares e sociais

Numa outra dimensão de análise do clima escolar, foram analisadas as ocorrências referentes à infracção das normas escolares ou sociais. Os quadros nº 7 e 8 mostram as ameaças e as ofensas/injúrias registadas, respectivamente, remtendo para a discussão das questões da incivilidade e da indisciplina. Embora muitas escolas não reportem situações desta natureza algumas descrições de situações que contextualizam as referidas situações constituem a este respeito referência. Deste ponto de vista, as escolas de uma forma geral tendem a comunicar mais as acções perpetuadas ou em contexto de sala de aula ou dirigidas a funcionários (guardas, auxiliares e sobretudo professores), não atribuindo muita importância a ocorrências de ofensas ou injúrias entre alunos.



Quadro nº 7- Ocorrências por ameaça nas escolas TEIP, 2006/07

Escola	Nº de ocorrências
Escola 5 EB1Loures	14
Escola 1 EB 2,3 Loures	14
Escola 8 EB1- Setúbal	8
Escola 10 EB 1,2,3 Oeiras	7
Escola 7 EB2,3 Porto	3

FONTE: Ficha de Comunicação do Gabinete de Segurança do ME, 2006/07

O mesmo se verifica em relação às ofensas e injúrias, que são reportadas quase exclusivamente quando dirigidas a adultos. O Quadro 8 mostra as ofensas e injúrias, perpetradas a adultos em diferentes momentos da actividade escolar. Embora não tão graves como as ofensas à integridade física, a utilização de uma linguagem agressiva ou ofensiva é certamente condicionadora do ambiente escolar e que contribuem para a deterioração do meio escolar e das condições de aprendizagem. A este respeito destacam-se algumas escolas quer pela regularidade das incidências, quer pela sua intensidade.

A escola Escola 5 EB1Loures, embora com um número elevado de ocorrências, à semelhança do que se encontrou para as agressões, na maior parte os incidentes no 1º Ciclo do Ensino Básico, ocorrem não com os professores titulares das turmas, mas com professores ou monitores externos, designadamente das Áreas de Enriquecimento Curricular. Outro grupo profissional muito sensível a este tipo de situação são os guardas das escolas, que são alvo de injúrias e/ou ofensas muitas vezes por serem associados a elementos da polícia. No caso da Escola 1 EB 2,3 Loures estes profissionais são alvo recorrente de insultos e ameaças por parte dos alunos, que os sentem como elementos exteriores à escola. Nesta escola os professores são os menos visados em situações de violência.



Quadro nº 8 - Ocorrências por ofensa/injúria nas escolas TEIP, 2006/07

Escola	Nº de ocorrências
Escola 1 EB 2,3 Loures	16
Escola 5 EB1 Loures	13
Escola 13 ES Porto	10
Escola 8 EB1 Setúbal	10
Escola 2 EB1 Amadora	8
Escola 10 EB 1,2,3 Oeiras	6
Escola 26 EB 2,3 Setúbal	5
Escola 15 EB2,3 Porto	4
Escola 7 EB2,3 Porto	4
Escola 6 EB2,3 Porto	4
Escola 16 EB1/JI Amadora	3
Escola 9 EB1 Oeiras	3

FONTE: Ficha de Comunicação do Gabinete de Segurança do ME, 2006/07

A escola que apresenta mais registos relativamente a ocorrências por ofensa e injúrias é a Escola 1 EB 2,3 Lisboa, verificando-se contudo, que a maior parte destes incidentes é protagonizado por um reduzido número de alunos dos 5º e 6º anos com práticas regulares de destabilização, seja em contexto de sala de aula, seja no exterior.

Notas conclusivas: podemos falar de escolas violentas?

A análise cruzada de informação, de natureza empírica e teórica bem com quantitativa e qualitativa, sobre a problemática da violência escolar leva a concluir pela necessidade de muita prudência na adesão à ideia de que o fenómeno estará generalizado nas escolas portuguesas. A mediatização e discussão pública sobre o tema da violência na escola assentam em várias concepções que, paradoxalmente, não encontram, apesar de tudo, sustentação na investigação que vem sendo desenvolvida sobre a violência na escola em Portugal, nomeadamente quanto ao seu carácter generalizado.

De facto, a maior parte destas instituições conseguem criar de forma eficaz e bem sucedida ambientes genericamente seguros, bem cuidados e propícios às aprendizagens. As formas mais comuns de comportamentos disruptivos estão associadas a formas de destabilização e de indisciplina persistente, causadora de perturbações e dificuldades no trabalho escolar, motivadora de grande desgaste nos professores sendo as situações de violência física normalmente protagonizadas por um grupo restrito de alunos. Não obstante, importa não ignorar a sua existência, bem como a gravidade que encerram em si mesmas para os actores envolvidos e nos contextos em que ocorrem, mas também os efeitos nefastos que podem causar no plano do reconhecimento social, respeito e autoridade das normas e regras escolares, fragilizando a instituição escolar.



A análise da informação respeitante aos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária, permitiu identificar realidades muito distintas, com números de incidência relativamente reduzidos ou com experiências de actuação eficazes e pacificadoras. Note-se que das 10 escolas com maior número de ocorrências no ano lectivo de 2006/07, apenas 3 são escolas TEIP. As situações distribuem-se por um grande número de escolas, sendo que só uma pequena percentagem destas revela um elevado número de ocorrências e a maioria não apresenta qualquer ocorrência. No interior de um agrupamento TEIP podemos encontrar escolas com registo acentuado de ocorrências graves a par de outras sem qualquer registo.

As escolas de 2º e 3º ciclos do ensino básico são as que registam um maior número de ocorrências. Porém, as escolas onde se registam situações de maior violência protagonizadas por alunos são escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico. A análise das ocorrências registadas revela situações de envolvimento de violência física mais graves neste ciclo de ensino. A maior parte dos incidentes regista-se entre os alunos, mas as descrições revelam um clima de tensão elevada entre alunos, funcionários e encarregados de educação. Os incidentes ocorrem entre alunos de idades bastante avançadas, normalmente sobre alunos mais novos, causando ferimentos graves. A análise qualitativa permitiu compreender que uma parte relevante estava associada apenas a um grupo restrito de alunos, que contribuíam fortemente para a destabilização da escola, com actos de indisciplina grave e agressões face a colegas, auxiliares e professores.

Este exemplo é elucidativo da complexidade do fenómeno, já que a existência de um grupo restrito de alunos fortemente desenquadrados, pode colocar em causa os ambientes de trabalho de toda a escola, revelando alguma fragilidade da organização escolar. A análise dos dados deste conjunto de escola serviu ainda para evidenciar que as explicações das situações de violência centradas em eventuais características patológicas dos agressores ocultam o facto de estas situações possuírem uma elevada diversidade e radicarem em factores bastante variados. Deste ponto de vista não faz sentido falar de escolas violentas mas sim de situações e percursos que levam à violência ou produzem violência, sendo que a atenção dada pelos os contextos escolares aos diversos tipos de ocorrências e a forma como estes se encontram organizados para lidar com estes acontecimentos é decisiva.

BIBLIOGRAFIA:

BOUDON, Raymond (1990), *O lugar da desordem*, Lisboa, Gradiva.

CANÁRIO, Rui, (1998) "*Exclusão social e exclusão escolar. A criação dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária*", IIE

CHARLOT, Bernard (1997) *Violences à l'école, Etat des Savoirs*, Armand Colin, Paris

DEBARBIEUX, Eric (2006) "*Violência na Escola, um Desafio Mundial*", Instituto Piaget

[Sebastião, João; GAIO ALVES, Mariana e CAMPOS, Joana \(2007\) "Relatório de Análise de Dados" \(Outubro de 2007\). Lisboa/Santarém: OSE-ME, CIES-ISCTE, ESES](#)

[SEBASTIÃO, João \(coord.\), Mariana Gao Alves, Sónia Vladimira Correia e Joana Campos \(2006\). "Escola e Violência - conceitos, políticas, quotidianos". Lisboa, OSE/CIES.](#)

SEBASTIÃO, João; GAIO ALVES, Mariana; CAMPOS, Joana e AMARAL, Patrícia (2004)

Escola e Violência: Conceitos, Políticas, Quotidianos, , Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, relatório de pesquisa, <http://www.cies.iscte.pt/relatorio/ficha.jsp?pkid=876&a=1023719004>

SEBASTIÃO, João; SEABRA, Teresa; GAIO ALVES, Mariana; TAVARES, David; MARTINS; José Garrucho e PORTAS, Maria João (1999) "A produção da violência na escola", , Revista da ESES, Santarém,.

ⁱ De entre os contributos empíricos aqui considerados destacam-se os dados que vêm sendo analisados no (OSE) através das ocorrências comunicadas pelas escolas ao Ministério da Educação.

ⁱⁱ Um exemplo concreto: existe uma escola que regista poucos incidentes, sendo situações entre alunos muito graves, envolvendo internamento hospitalar dos alunos agredidos. É difícil perceber se a escola só participa os casos mais violentos e tem muitos incidentes menores, ou por outro lado, teve só estes incidentes.

ⁱⁱⁱ Relatório de análise de Dados do Observatório da Segurança nas Escolas, ano lectivo 2006/2007.

^{iv} Ver síntese em Sebastião e outros 2004.

^v CANÁRIO, Rui, (1998)

^{vi} Dados dos Relatórios do Observatório de Segurança nas Escolas.